

As percepções dos pais relativamente à exposição dos seus filhos aos perigos sexuais online



Um estudo de pais/
tutores na América Latina
e África Subsariana

REALIZADO POR

**ECONOMIST
IMPACT**

Introdução

A Economist Impact inquiriu mais de 1000 pais/tutores de crianças com menos de 18 anos em oito países da América Latina e África Subariana.¹ O estudo tem como objetivo compreender como as crianças interagem com os seus pais para permanecerem mais seguras online e as mudanças que os pais acreditam serem necessárias para as proteger contra a exploração e abuso sexual de crianças online.

Foi pedido aos inquiridos que indicassem a exposição dos seus filhos aos perigos sexuais online, como reagiram a essa exposição e os desafios que os pais/tutores enfrentam ao ajudar a proteger os seus filhos online. Questões centradas em cinco potenciais perigos sexuais online:²

- Receber uma mensagem e/ou conteúdos potencialmente provenientes de fontes perigosas ou prejudiciais
- Alguém partilhar imagens, vídeos e/ou mensagens dos seus filhos com terceiros apesar de os seus filho não o quererem
- Alguém pedir aos seus filhos que mantenham uma parte das respetivas interações online em segredo
- Alguém pedir aos seus filhos que façam algo online que os deixe desconfortáveis ou que não queiram fazer
- Alguém tentar falar com os seus filhos sobre temas sexualmente explícitos ou enviar as suas imagens, vídeos ou mensagens online sexualmente explícitos

As principais conclusões da presente investigação são apresentadas ao longo do texto.

Metodologia

O estudo baseia-se em dados recolhidos através de um inquérito online a 1029 pais e tutores de crianças com idades compreendidas entre os 0 meses e os 17 anos, realizado de junho a julho de 2023. Os inquiridos foram divididos de forma equitativa por sexos com uma repartição natural por idade, rendimento e etnia/raça. Os resultados são estatisticamente significativos.

1 Quênia, África do Sul, Nigéria, Gana, México, Brasil, Argentina e Colômbia.

2 Uma série de comportamentos nocivos que podem ser considerados exploração e abuso sexual de crianças online.

Principais conclusões

Segundo os pais, mais de metade das crianças têm acesso à Internet através de um dispositivo móvel pessoal.



Dispositivo móvel pessoal



Portátil pessoal



Tablet pessoal



Percentagem de inquiridos que afirmaram que o respetivo filho tinha acesso regular à Internet a partir de cada um dos dispositivos mencionados. O acesso regular à Internet é definido como o acesso a conteúdos online, pelo menos, uma vez por semana.

De um modo geral, 55% dos inquiridos afirmaram que os seus filhos lhes contaram terem sido alvo de um potencial perigo sexual online.



das crianças receberam uma mensagem e/ou conteúdos potencialmente perigosos ou prejudiciais



das crianças viram as suas imagens, vídeos e/ou mensagens das serem partilhadas por alguém com terceiros, apesar de não o quererem



das crianças foram abordadas para que mantivessem uma parte das respetivas interações online em segredo



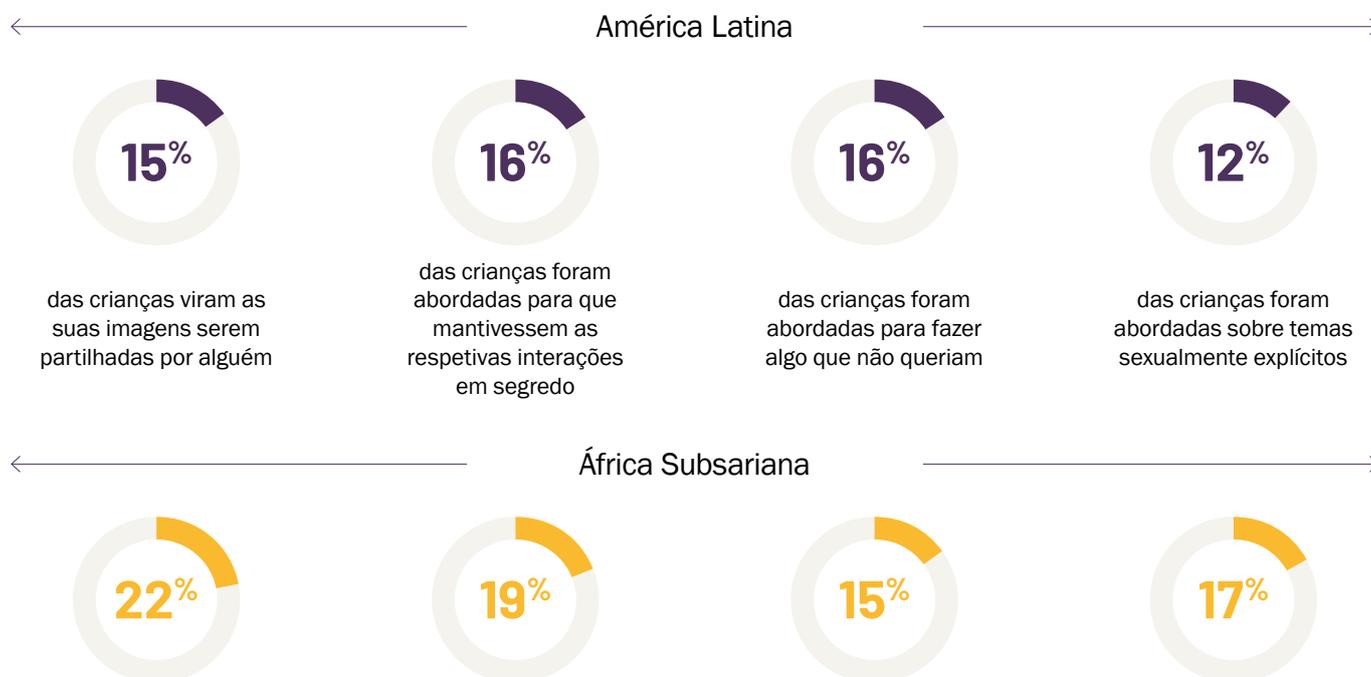
das crianças fizeram algo online que as deixou desconfortáveis ou que não queriam fazer



das crianças foram abordadas sobre temas sexualmente explícitos ou receberam imagens, vídeos ou mensagens online sexualmente explícitos de alguém

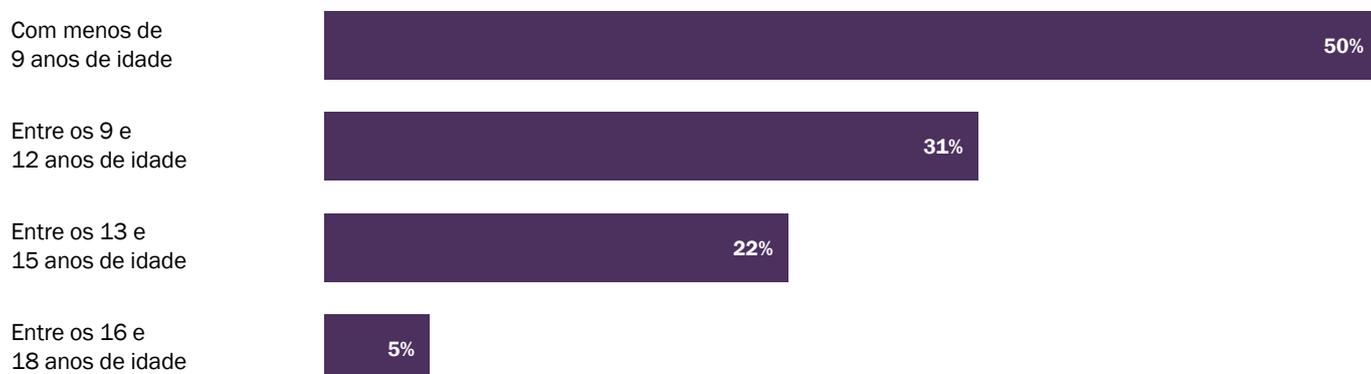
Percentagem de inquiridos que afirmaram que o seu filho lhes contou ter sido alvo de um dos perigos sexuais online mencionados.

Isto revelou-se muito mais comum entre pais oriundos da África Subsariana do que os da América Latina.



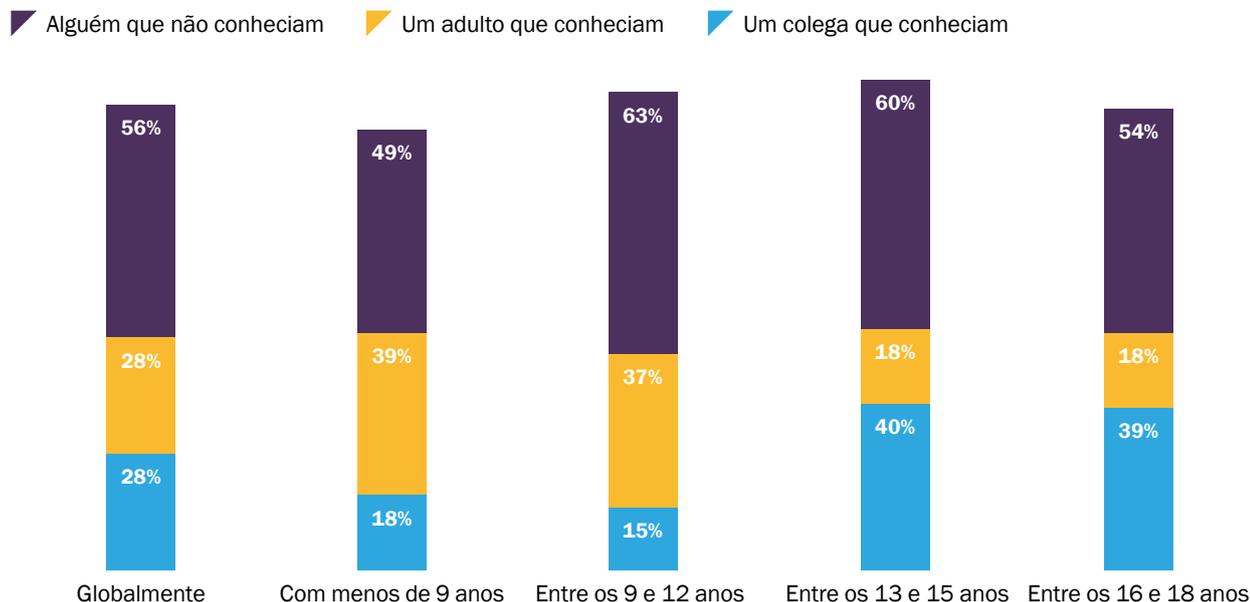
Percentagem de inquiridos que afirmaram que o seu filho lhes contou ter sido alvo de cada perigo sexual online mencionado por região.

De um modo geral, 50% dos pais/tutores afirmaram que os seus filhos lhes contaram terem sido alvo de um perigo sexual online com menos de nove anos.



Dos inquiridos que afirmaram que o seu filho lhes contou ter sido alvo de, pelo menos, um perigo sexual online mencionado, a percentagem que indicou a idade do seu filho aquando da revelação (seleção múltipla)

Houve uma maior tendência de as crianças contarem aos pais sobre perigos sexuais online perpetrados por alguém que não conheciam.



Dos inquiridos que afirmaram que o seu filho lhes contou ter sido alvo de, pelo menos, um perigo sexual online mencionado no estudo, a percentagem que seleccionou cada tipo de pessoa com quem a criança estava a interagir (selecção múltipla).

Para efeitos do presente estudo, um adulto ou um colega que a criança conhecia é definido como uma pessoa com quem a criança já tinha interagido anteriormente, quer pessoalmente, quer através de uma interação online anterior.

Houve uma maior tendência de os pais bloquearem a pessoa com quem o seu filho tinha esse tipo de interações ou mudarem as definições de privacidade do filho.



Dos inquiridos que afirmaram que o seu filho lhes contou ter sido alvo de, pelo menos, um perigo sexual online mencionado, a percentagem que seleccionou cada ação (selecção múltipla).

Os pais sentiram/sentem que o maior obstáculo ao ajudarem os seus filhos após terem sido alvo de um perigo sexual online foi/é o facto de as crianças não se aperceberem do perigo.

As crianças não se apercebem muitas vezes que tiveram uma interação que podia ser perigosa online

46%

As crianças têm, muitas vezes, receio de como os pais/tutores podem reagir perante as suas vivências, pelo que não lhes contam e, conseqüentemente, estes não as podem ajudar

44%

As crianças têm, muitas vezes, receio e/ou vergonha que as conversas, as imagens ou os vídeos que faziam parte da interação sejam vistos por outras pessoas, pelo que não contam aos seus pais/tutores e, conseqüentemente, estes não as podem ajudar

38%

As crianças têm, muitas vezes, vergonha que isto lhes aconteça ou sentem que têm culpa, pelo que não contam aos seus pais/tutores e, conseqüentemente, estes não as podem ajudar

37%

As crianças têm, muitas vezes, medo da pessoa com quem estavam a interagir online (por exemplo, esta pessoa ameaçou a sua família ou os seus amigos se contassem), pelo que não contam aos seus pais/tutores e, conseqüentemente, estes não as podem ajudar

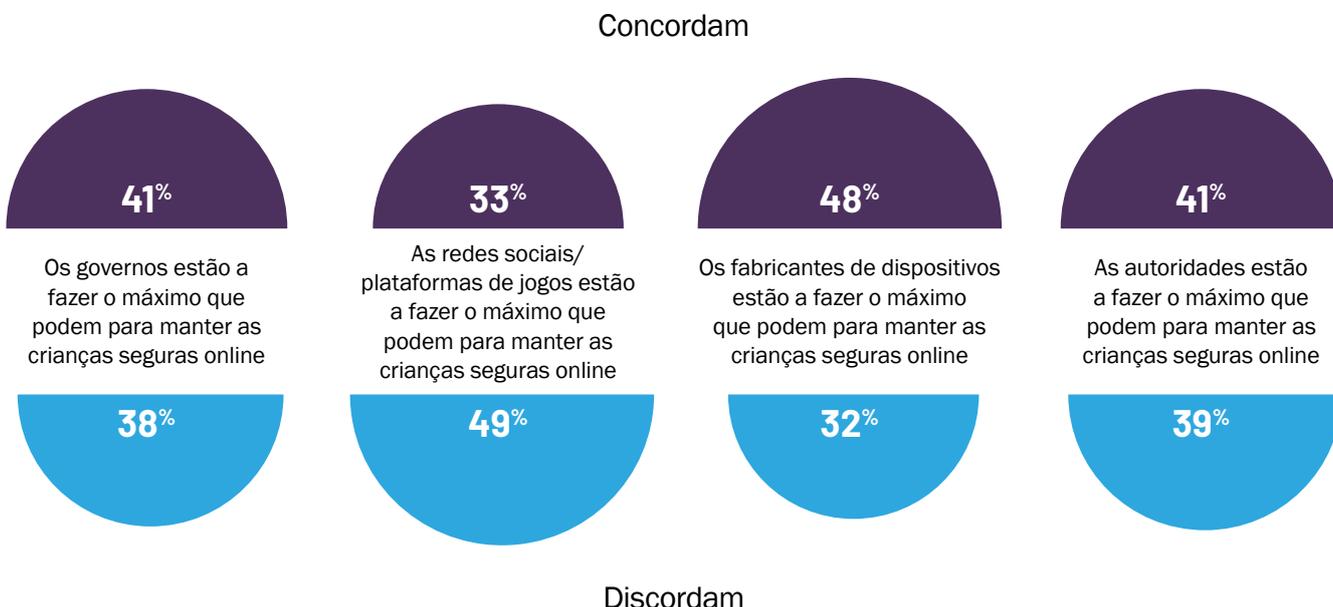
34%

As crianças têm, muitas vezes, medo de que os seus amigos as possam excluir ou gozar se tiverem passado por essas situações, pelo que não contam aos seus pais/tutores e, conseqüentemente, estes não as podem ajudar

31%

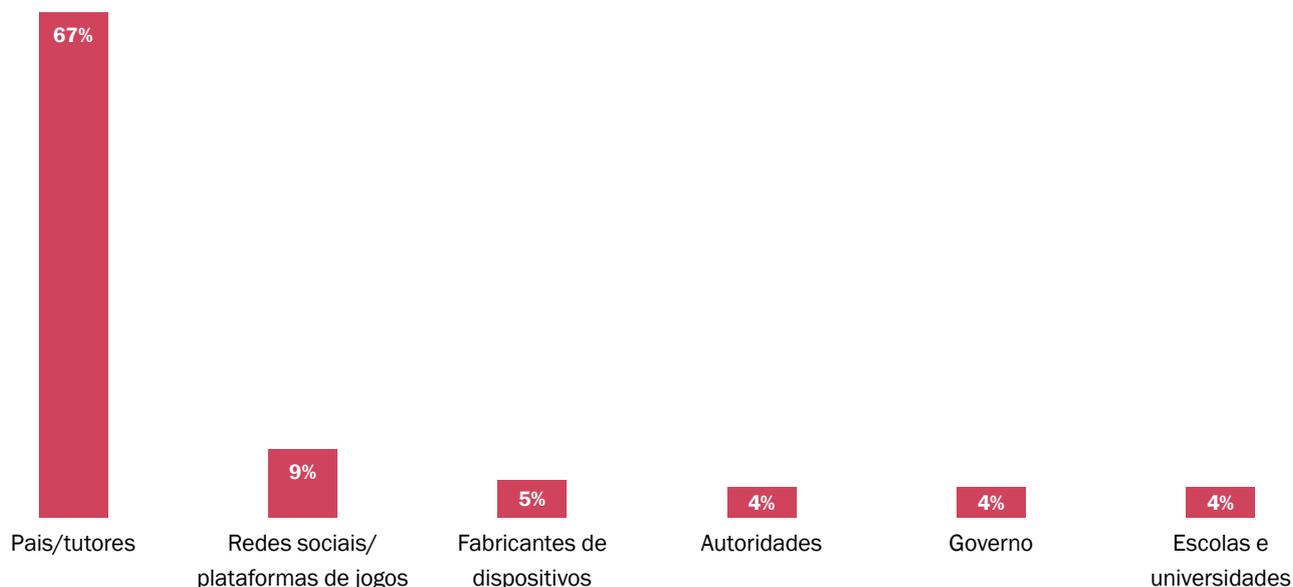
Percentagem de todos os inquiridos que selecionaram o obstáculo (seleção múltipla).

Um em cada dois pais/tutores acredita que as redes sociais e plataformas de jogos não fazem o suficiente para manterem as crianças seguras online.



Percentagem de todos os inquiridos. O termo "Concordar" é uma combinação de "Estar de acordo" e "Estar plenamente de acordo". O termo "Discordar" é uma combinação de "Não estar de acordo" e "Discordar plenamente".

... e, como consequência, aproximadamente dois terços dos pais sentem que a responsabilidade de manter as crianças seguras online recai sobre eles.



Percentagem de todos os inquiridos que consideraram cada grupo de intervenientes como sendo o responsável imediato por manter as crianças seguras online.

Conclusão

Em 2021, a Economist Impact realizou um estudo mundial que inquiriu mais de 5000 jovens entre os 18 e 20 anos sobre as suas vivências de infância de quatro perigos sexuais online mencionados neste estudo feito a pais e tutores em 2023. As taxas de vivência destes perigos sexuais online foram muito mais elevadas no inquérito feito a mais de 5000 jovens entre os 18 e os 20 anos do que no inquérito feito aos pais e tutores: uma média de 29% nos quatro perigos em comparação com 17%.

Existem duas explicações plausíveis para esta lacuna. Em primeiro lugar, os perigos sexuais online ocorrem com mais frequência quando as crianças são adolescentes do que quando são mais pequenas. No entanto, há uma maior tendência de as crianças mais pequenas contarem estes incidentes aos seus pais em comparação com os adolescentes (ver gráfico abaixo). Em segundo lugar, a maioria das crianças tem medo de contar aos pais sobre as suas vivências de perigos sexuais online. Esta hesitação em revelar pode ser resultante de muitos fatores, tais como o receio da reação dos pais/tutores, a vergonha ou as ameaças do autor do crime. Os pais estão cientes desta hesitação em revelar: 44% dos pais consideraram que um dos maiores obstáculos que enfrentam ao ajudarem os seus filhos

durante uma vivência de um perigo sexual online é o facto de as crianças terem muitas vezes receio de como os pais podem reagir perante as suas vivências, pelo que não as revelam.

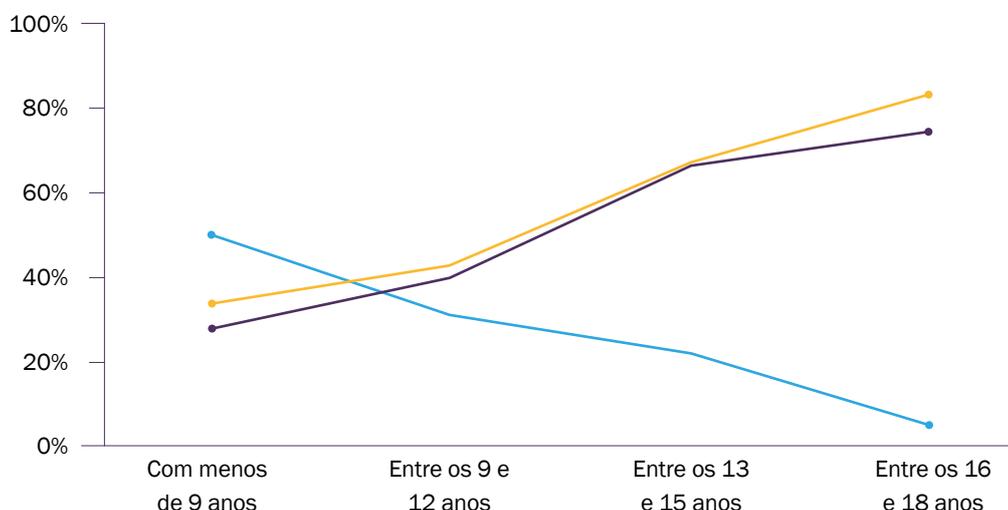
Apesar destas lacunas entre os graus de vivência de perigos sexuais online na infância e aquando da revelação aos pais, é evidente que as vivências de perigos sexuais online na infância são elevadas e que muitos pais se sentem responsáveis pela segurança online dos seus filhos. Este sentimento de responsabilidade é impulsionado pela crença de que muitos intervenientes não estão a fazer o suficiente para manterem as crianças seguras online. Embora os pais sejam parte da solução para proteger as crianças online, o ónus da segurança não deve recair todo sobre eles.

Muito poucos pais tiveram a oportunidade de interagir diretamente com o governo, as redes sociais e as plataformas de jogos, os fabricantes de dispositivos e as autoridades para compreender como estão a trabalhar no sentido de proteger as crianças. Uma abordagem mais coordenada que integra pais e jovens poderia ajudar a desenvolver mecanismos de prevenção mais eficazes e abrangentes.

■ Vivências de jovens com 18 anos com alguém que tentou falar sobre temas sexualmente explícitos na infância (mundialmente)

■ Vivências de jovens com 18 anos com alguém que lhes pediu para fazer algo sexualmente explícito online que os deixou desconfortáveis na infância (mundialmente)

■ Idade em que as crianças contaram aos seus pais sobre as vivências de perigos sexuais online (América Latina e África Subsariana)



Idade em que os inquiridos foram alvo de perigos sexuais online na infância ou cujos filhos que foram alvo de perigos sexuais online na infância tiveram essas vivências, %.

Observações: os dados deste gráfico foram retirados de um estudo da WeProtect Global Alliance realizado em 2023 pela Economist Impact, que inquiriu 2000 jovens com 18 anos em França, na Alemanha, nos Países Baixos e na Polónia sobre as suas vivências de perigos sexuais online na infância. Para consultar o estudo, aceda aqui.



Embora tenham sido desenvolvidos esforços para verificar a veracidade destas informações, a Economist Impact não assume qualquer responsabilidade nem obrigação pela confiança de qualquer pessoa no presente relatório ou em quaisquer informações, opiniões ou conclusões enunciadas no presente relatório. As conclusões e opiniões expressas no relatório não refletem necessariamente a opinião do promotor.